

Estruturas de sepultamento Tupiguarani em Santa Catarina

Msc. Rodrigo Lavina*
Msc. Leticia Morgana Müller**

Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados obtidos durante a escavação de uma estrutura funerária associada ao sítio ACH-SU-3, uma aldeia da Tradição Tupiguarani estudada durante o resgate do canteiro de obras da AHE Foz do Chapecó, no município de Águas de Chapecó, oeste de Santa Catarina, pela Scientia Consultoria Científica. A estrutura identificada era composta por cinco vasilhames cerâmicos, apresentando mobília funerária composta por vasilhames cerâmicos e artefatos líticos, além de ossos humanos em seu interior. Procurou-se ainda comparar esta estrutura com outras similares, descritas na bibliografia arqueológica para o estado de Santa Catarina

* Mestre em Arqueologia pela UNISINOS/RS, pesquisador da Scientia Consultoria Científica, Escritório Regional Sul. E-mail: rlavina@terra.com.br

** Mestre em Arqueologia pela PUC/RS, pesquisadora da Scientia Consultoria Científica, Escritório Regional Sul. E-mail: leticiamorgana@yahoo.com.br

1. Introdução

Encontrados em quase todos os estados brasileiros, os sítios arqueológicos atribuídos a grupos Tupiguarani no Estado de Santa Catarina podem ser verificados em duas áreas distintas: litoral e extremo oeste. Em ambos contextos estes sítios já foram amplamente reconhecidos e muitos foram alvos de escavações, revelando uma característica muito importante destes grupos, relacionada a cosmologias: o enterramento em urnas. Diante desta relação guarani=enterramento em urnas, este artigo procura apresentar os resultados obtidos durante a escavação de estruturas funerárias associadas ao sítio ACH-SU-3, uma aldeia da Tradição Tupiguarani escavada durante o resgate do canteiro de obras da AHE Foz do Chapecó, no município de Águas de Chapecó, oeste de Santa Catarina, pela Scientia Consultoria Científica. Além disso, realiza uma síntese do conhecimento gerado pela arqueologia a respeito das práticas funerárias da Tradição Tupiguarani no território do Estado de Santa Catarina.

Pela própria natureza das informações obtidas, este trabalho pretende, mais que trazer respostas específicas para o problema do padrão funerário Tupiguarani (se é que existe um padrão funerário, no caso), socializar informações recentes sobre as práticas funerárias deste grupo que sirvam para a proposição de novas questões a respeito desta faceta da problemática arqueológica do sul do Brasil.

2. Breve retrospectiva da pesquisa na área da AHE Foz do Chapecó

As pesquisas na área de impacto do canteiro de obras da referida usina foram iniciados em 2004, sob a coordenação de Rodrigo Lavina, onde foram cadastrados vários sítios e áreas de ocorrência de material arqueológico nos municípios de Alpestre (RS) e Águas de Chapecó (SC).

A partir de 2006 até o presente, o projeto de resgate dos sítios do

canteiro de obras e levantamento arqueológico da área do reservatório tinha como objeto análise das áreas de ocorrência e o resgate dos sítios identificados no canteiro de obras, além de realizar o levantamento em toda a área que será alagada pela represa. Este procedimento possibilitou a confirmação de 14 sítios na área do canteiro, e por isso escavados, além de 33 na área do alagamento¹.

A escavação dos 14 sítios apresentou riquíssimo material cerâmico e lítico, comprovando a existência em três sítios de uma sobreposição de culturas, uma primeira pré-ceramista Umbu e outra mais recente, relacionada à Guarani. Com relação a esta última, foram encontradas grandes fogueiras, com restos de alimentação como conchas de moluscos, ossos de aves, de mamíferos, de peixes e roedores, além de um fragmento de osso longo de mamífero, seccionado e polido.

A cerâmica encontrada se apresentava nos padrões conhecidos, com predominância corrugada e em menor número pintadas, escovadas, unguladas e noduladas. A utilização recente do espaço para agricultura, e do arado para aerar a terra fez com que todos os vasilhames que estavam até uma profundidade de 20 cm de fragmentassem muito, e perdessem seu contexto deposicional.

Próximo apenas de um sítio foi verificada a existência de urnas com sepultamentos (ACH-SU3), caracterizados por um ordenamento de três estruturas, com cinco vasilhames, descrito detalhadamente nas próximas páginas.

3. O sítio Saltinho do Uruguai 3 (ACH-SU-3)

O sítio está situado sobre uma área aplainada, caracterizada como o primeiro patamar, distante 50 m da margem do rio Uruguai e a 50 m de um riacho intermitente. O solo é arenoso, apresentando cor marrom, uniforme. Atualmente está ocupada por lavoura de milho e fumo,

¹ Além de outras 257 áreas de ocorrência, cujos estudos e escavações são objetos de contrato com outro pesquisador.

tendo quase a totalidade do contexto arqueológico sido revolvido pelo arado. Segundo informações do antigo proprietário, este local é utilizado para a lavoura a mais de trinta anos.



Foto 01: Vista geral do terraço aplainado onde está situado o sítio arqueológico ACH-SU-3

Neste sítio, foi verificada a existência de duas áreas de concentração de material arqueológico, distantes aproximadamente 70 metros uma da outra. Na concentração 1, situada ao sul da área do sítio arqueológico, foi realizada a escavação de uma área medindo 30 X 14 m, correspondente à maior frequência de material arqueológico disperso em superfície. Desta área, foram escavadas o equivalente a 12%, que revelou uma densidade baixa de material arqueológica, tanto em superfície como em profundidade, sendo mais frequentes artefatos líticos e lascas de basalto e calcedônia. A baixa frequência de fragmentos cerâmicos, bem como seu pequeno tamanho, possivelmente decorre do longo tempo em que o terreno tem sido usado para lavoura, embora também exista a possibilidade de não se tratar de uma área de habitação, e sim de uma área de trabalho

associada à concentração 2, com densidade de material arqueológico bem maior. A camada arqueológica foi completamente revolvida pelo arado até 25 cm de profundidade.

Na concentração 2, situada ao norte da área do sítio arqueológico, foi realizada a escavação de uma área medindo 50 X 22 m, correspondente à maior frequência de material arqueológico disperso em superfície. Desta área, foram escavadas o equivalentes a 9,8 %, que revelou uma densidade média de material arqueológico, tanto em superfície como em profundidade, na quota mais alta do terreno, decaindo sensivelmente sua frequência conforme o terreno ficava mais baixo, a leste da quadra. Foram coletados artefatos líticos e lascas de basalto, arenito e calcedônia, além de fragmentos cerâmicos e uma conta de colar confeccionada em cerâmica modelada. O pequeno tamanho dos fragmentos cerâmicos possivelmente decorre do longo tempo em que o terreno tem sido usado para lavoura. A camada arqueológica foi completamente revolvida pelo arado até 20 cm de profundidade.

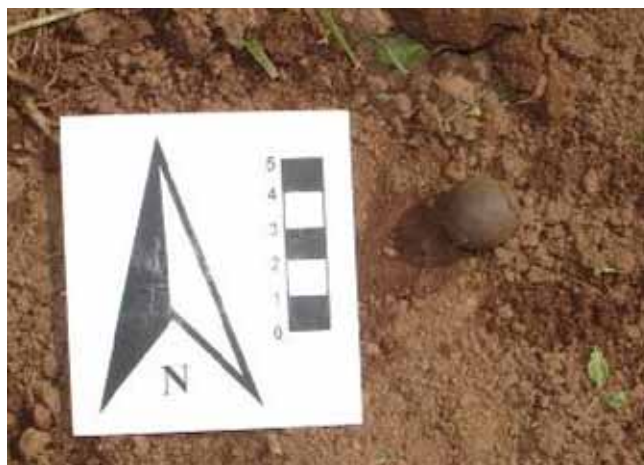


Foto 03: Detalhe de conta de colar em cerâmica coletada na superfície da Concentração 2 do sítio ACH-SU-3.

Foram localizadas três estruturas de combustão, que se tornaram visíveis a 20 cm de profundidade, onde o arado não atingiu muito fortemente o contexto arqueológico. Duas destas estruturas, apresentavam apenas a base, identificada pelo solo de cor escura de mistura a grânulos de carvão vegetal, sem material arqueológico associado. Já a estrutura localizada na quadra B18, denominada E-2, também percebida a 20 cm de profundidade, estendeu-se até a profundidade máxima de 55 cm da superfície. Possuindo forma circular, seu diâmetro mediu 69 cm. Em seu interior, foram observados cinza, abundante carvão vegetal, fragmentos cerâmicos, grandes blocos de basalto alterados pelo fogo, lascas térmicas de basalto, lascas e núcleos de calcedônia Também foram percebidos fragmentos ósseos calcinados, possivelmente de mamífero. O limite entre o solo externo e a área escura da fogueira era marcado por uma faixa de solo alaranjada fortemente concrecionada pelo calor. Foram retiradas duas amostras de carvão vegetal, encaminhadas para datação por C14, cujo resultado aponta para data de construção como 1410-1460 a.D. Foi próximo a esta concentração que os conjuntos funerários foram encontrados.

3.1 Resgate dos Conjuntos Funerários 1, 2 e 3 p10

Distante em poucos metros da margem do rio Uruguai, os três conjuntos funerários eram formados por vasilhames cerâmicos apresentando vestígios ósseos humanos em seu interior e também mobília funerária associada.



Foto 04: Vista da estrutura funerária 1 do conjunto funerário 1, associado à concentração 2 do sítio arqueológico ACH-SU-3, percebendo-se ao norte, o acompanhamento funerário



Foto 05: Detalhe do acompanhamento da estrutura funerária 1, composta por um vasilhame cerâmico simples apresentando forma complexa biglobular

3.1.1 Conjunto Funerário 1

Este conjunto funerário era composto por duas estruturas funerárias que foram parcialmente atingidas pela terraplanagem do local. Estas estruturas eram compostas por vasilhames cerâmicos contendo ossos humanos em seu interior. No caso da estrutura 1, percebeu-se também mobília funerária, composta por vasilhame cerâmico, depositada em seu entorno. Ambas as estruturas situavam-se na borda da barranca que separa o primeiro patamar, onde se encontrava instalado o sítio arqueológico ACH-SU-3, do leito do rio Uruguai, aproximadamente 9 m abaixo.



Foto 17: Vista da retirada da estrutura funerária 1, associada ao conjunto funerário 1



Foto 18: Vista da base da estrutura funerária 2, associada ao conjunto funerário 1

A Estrutura Funerária 1 era composta por um vasilhame cerâmico com superfície corrugada, do qual restou *in situ* sua metade inferior, contendo vestígios ósseos humanos bastante alterados em seu interior. A distância da borda da barranca era de 3 m. Depositado a 0,45 metros ao norte desta urna, foi percebido um acompanhamento funerário composto por um vasilhame de forma globular, com superfície simples, de cor negra e forma complexa. Seu estado de conservação era ruim.

No entorno imediato desta estrutura, foram recolhidos dezenas de fragmentos cerâmicos de vários tamanhos que haviam sido dispersados pela retroescavadeira, possivelmente partes da urna funerária, de sua tampa e possivelmente, de outro vasilhame cerâmico que faria parte do conjunto. Estas questões deverão ser esclarecidas posteriormente, durante os trabalhos de análise do material, em laboratório.

A Estrutura Funerária 2, era composta por um vasilhame cerâmico com superfície corrugada, do qual restou *in situ* a base, e por fragmentos da borda de outro vasilhame também corrugado, possivelmente a tampa da urna. A distância da borda da barranca era de 3,5 m. Em seu interior e no entorno imediato, foram também

percebidos e recolhidos fragmentos ósseos humanos. A 17 m de distância, ao sul desta estrutura, foi percebido um acúmulo de solo, misturado a fragmentos cerâmicos e fragmentos ósseos humanos, remanescente da estrutura, para ali removidos pela retroescavadeira. Este material foi recolhido para análise e possível reconstituição.

3.1.2 Conjunto Funerário 2

Este conjunto funerário era composto por três estruturas funerárias, duas delas parcialmente atingidas pela abertura de uma vala de escoamento de água pluvial. Estas estruturas funerárias eram compostas por vasilhames cerâmicos contendo ossos humanos em seu interior, associados a mobiliário funerário composto por vasilhames cerâmicos, tembetás e contas de colar confeccionadas em concha. Estas estruturas situavam-se próximas à borda da barranca que separa o primeiro patamar, onde se encontrava instalado o sítio arqueológico ACH-SU-3, do leito do rio Uruguai, aproximadamente 10 m abaixo. A quota altimétrica deste conjunto era de 233,5 m acima do nível do mar.



Foto 19: Vista da Estrutura Funerária 3, pertencente ao Conjunto Funerário 2



Foto 20: Vista das Estruturas Funerárias 4 e 5 pertencentes ao Conjunto Funerário 2

O material arqueológico que a caracterizou, composto por fragmentos cerâmicos, contas de colar confeccionadas em concha e um tembetá fragmentado, em rocha polida, misturados a solo com textura variando entre areno-argilosa a argilosa, estava acumulado em um amontoado construído por uma retroescavadeira, resultante da abertura de um canal de escoamento de água pluvial. Na parede desta vala, foram percebidos vasilhames cerâmicos ainda in situ, dos quais provinham os fragmentos percebidos. Para a evidência deste conjunto, foi aberta uma quadrícula medindo 4 m², contendo as três estruturas. Posteriormente, esta quadrícula foi ampliada 0,5 metros para o sul, de maneira a englobar também a mobília associada à Estrutura Funerária 3.



Foto 21: Vista do conjunto de vasilhames fragmentados associados à Estrutura Funerária 3, pertencente ao Conjunto Funerário 2, perturbados pela abertura de vala



Foto 22: Detalhe do tembetá fragmentado associado a fragmentos de cerâmica perturbados da Estrutura Funerária 3, Conjunto Funerário 2

A Estrutura Funerária 3, estava situada no quadrante sudoeste da quadrícula, tendo sido bastante atingida pela abertura da vala de escoamento. É provável que a maior parte dos fragmentos recolhidos entre o entulho amontoado pela máquina tenha vindo dos vasilhames que a compunham. Desta estrutura, restaram dois blocos fragmentados, contendo em seu interior fragmentos ósseos humanos. Um destes blocos era formado por fragmentos de um vasilhame cerâmico simples, contendo em seu interior fragmentos de crânio humano, contas de colar confeccionadas em concha e outro tembetá fragmentado, confeccionado em rocha polida. Possivelmente este vasilhame simples tenha sido a tampa da urna, removida de sua posição pela retroescavadeira. Próximo a este, percebeu-se também um vasilhame cerâmico unglado, possivelmente parte da mobília funerária desta estrutura. Todo o conjunto havia sido afetado, em maior ou menor grau, pela abertura da vala que, em alguns casos, chegou a redepositar o material fora do seu contexto original. Os blocos evidenciados, devido ao péssimo estado de conservação, foram retirados em blocos, com o auxílio de espuma expansiva de poliuretano, para posterior limpeza e análise em laboratório.

A Estrutura Funerária 4, estava situada no quadrante noroeste da quadrícula e também foi bastante atingida pela abertura da vala, restando dela apenas a base medindo 35 cm de diâmetro que pertenceria a um vasilhame maior. Parte do material recolhido entre o entulho acumulado nas proximidades deve ser proveniente desta estrutura. No interior da base remanescente, foram percebidos fragmentos ósseos humanos e um vasilhame unglado fragmentado. Também este conjunto foi retirado em bloco com espuma expansiva, para limpeza e análise em laboratório.



Foto 23: Vista da Estrutura Funerária 4, após evidenciação



Foto 24: Detalhe da Estrutura Funerária 5, após evidenciação

A Estrutura Funerária 5, estava situada no quadrante nordeste da quadrícula, sendo formada por um vasilhame cerâmico corrugado aparentemente pouco atingido pela abertura da vala, apesar de se encontrar bastante fragmentado. Como foram percebidos vestígios ósseos em seu interior, também foi retirado em bloco, com a utilização de espuma expansiva, para limpeza e análise em laboratório.

A remontagem dos fragmentos recuperados neste conjunto funerário, após a cura em laboratório, deverá trazer novos dados a respeito do número de vasilhames que o compunham originalmente.

3.1.3 Conjunto Funerário 3

Este conjunto, formado por um número ainda não determinado de vasilhames, foi completamente removido de sua deposição original pelas obras de terraplanagem associadas à abertura do acesso para a balsa, dentro do canteiro de obras. Foram recolhidos esparsos em superfície fragmentos de vasilhames com superfície corrugada, simples e de um vasilhame simples possivelmente associado à Tradição Itararé. Foram recuperados ainda fragmentos ósseos humanos compostos por fragmento de uma mandíbula, dentes e fragmentos de ossos longos, possivelmente fêmur. O local exato da deposição original

não pode ser definido. Trabalhos de remontagem em laboratório possivelmente trarão mais dados a respeito deste conjunto funerário.

De forma reduzida, os sepultamentos escavados foram sistematizados no quadro a seguir:

Quadro 01: Comparativo das estruturas funerárias do sítio ACH-SU-3

CONJUNTO FUNERÁRIO	ESTRUTURA FUNERÁRIA	VASILHAMES	ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS	SEPULTAMENTO	BASE
1	1	vasilhame corrugado e talvez tampa	Vasilhame biglobular e talvez uma segunda vasilha, que estava fragmentada	?	Presente
1	2	vasilhame corrugado e tampa	?	?	Presente
2	3	vasilhame simples	Contas de colar confeccionadas em concha, tembetá e cerâmica unglada.	?	?
2	4	vasilhame	Um vasilhame unglado	?	Presente
2	5	vasilhame corrugado	?	?	?
3	6	vasilhame	Possível vasilhame Itararé	?	?

4. Dados publicados a respeito das práticas funerárias da Tradição Tupiguarani em Santa Catarina

No Estado de Santa Catarina, escavações arqueológicas envolvendo sítios da Tradição Tupiguarani não são frequentes, fato confirmado pelo pequeno número de datações e pelas poucas escavações sistemáticas levadas a efeito até o momento, em comparação com outros Estados brasileiros.

Os trabalhos publicados são caracterizados principalmente como levantamentos sistemáticos e assistemáticos de sítios da Tradição

Tupiguarani, como os trabalhos de Rohr (1966a, 1969, 1983, 1984), Piazza, (1969, 1971, 1974), Fossari e outros (1987, 1988, 1989), Goulart (1997).

Também existem publicadas notas prévias, artigos ou relatórios de pesquisa dando conta de escavações ou coletas sistemáticas de sítios arqueológicos da Tradição, como no caso de Schmitz (1957), Piazza (1965), Rohr (1966b), Miller (1971), Eble e Schmitz (1972), De Masi (2001), Lavina, (1999, 2000), assim como trabalhos que se dedicaram especificamente ao estudo de material arqueológico existente no acervo de instituições, tanto resultado destas pesquisas sistemáticas como também resultado da coleta assistemática promovida por amadores, caso dos trabalhos publicados por Schmitz (1959) e por Silva e outros, (1990).

As datações apresentadas até o momento para os sítios pesquisados na área do rio Uruguai, no oeste do Estado, situam-se entre 380+ - 100 AD e 1440 +- 70 AD (Piazza, 1969). No litoral, as datações situam-se entre 1050 +- 150 BP (termoluminescência), para o sítio arqueológico da ZPE, em Imbituba, litoral sul do Estado e 1400 AP para o sítio arqueológico da Praia da Tapera, situado na Ilha de Santa Catarina, no litoral central do Estado (Lavina, 1999; Rohr, 1966b).

Bem mais raros são trabalhos que apresentem informações a respeito das práticas funerárias e das estruturas de sepultamento de sítios arqueológicos vinculados a esta Tradição. Este fato também pode ser explicado pelo pequeno número de escavações sistemáticas até agora realizadas e pela pequena área geralmente prospectada nestes trabalhos.

Para o litoral catarinense, a primeira referência a estruturas funerárias em sítios arqueológicos da Tradição Tupiguarani é a de Piazza (1965), que localizou, durante a escavação do sítio arqueológico do Rio Tavares, situado na região central da Ilha de Santa Catarina, de duas estruturas funerárias caracterizadas como urnas. A primeira delas é caracterizada como um vasilhame cerâmico com superfície apresentando decoração plástica corrugada, apresentando em seu

interior fragmentos de ossos longos e um fragmento lítico classificado pelo autor como perfurador. A segunda delas era caracterizada por um vasilhame cerâmico corrugado cuja boca estava coberta por fragmentos cerâmicos. Uma parte destes vasilhames pode ser reconstituída na forma de um vasilhame corrugado externamente e com superfície interna apresentando engobe branco, possuindo ainda duas perfurações circulares em uma das bordas. Estes dois sepultamentos estavam localizados em áreas diferentes dentro do sítio, sendo um deles no centro e outro na periferia.

Também Rohr (1966), em levantamento arqueológico realizado no município de Itapiranga, no extremo oeste de Santa Catarina, onde localizou 51 sítios arqueológicos da Tradição Tupiguarani, relatou a ocorrência de sepultamentos em urnas funerárias. O autor informa que destes sítios, em 33 “(...) foi constatada a presença de igaçabas, cujo número ultrapassa de 160 unidades. Acima de 40 igaçabas continham restos de esqueletos humanos. Houve, entre eles, esqueletos completos, em bom estado de conservação” (1966:27).

O autor diz ainda ter prospectado cinco conjuntos de vasilhames com tampas caracterizando urnas funerárias, tendo recebido outro destes conjuntos por doação. Destes, a urna nº 1, localizada no sítio arqueológico SC-U-45 apresentou ossos humanos e um tembetá em pedra, a urna nº 3, localizada no sítio arqueológico SC-U-45, apresentou ossos humanos e dois tembetás em pedra, a urna nº 4, localizada no sítio arqueológico SC-U-53 um crânio de adulto (informação do doador) e a urna nº 6, localizada no sítio arqueológico SC-U-39, apresentou vestígios de um sepultamento infantil. A urna de nº 2, localizada no sítio arqueológico SC-U-17 e a de nº 5, localizada no sítio arqueológico SC-U-38, não teriam apresentado nenhum outro vestígio associado.

O proprietário do sítio arqueológico SC-U-8 também teria encontrado uma urna contendo um esqueleto de criança com adornos em pedra azul, verde e branca (possivelmente contas de vidro européias do século XVI) e um pote menor contendo uma ossada de peixe.

Também durante a prospecção do sítio arqueológico SC-U-12,

o autor examinou uma urna funerária destruída pelos moradores, que continha ossos humanos, um bastão de resina e um artefato laminar de diabásio polido.

Em trabalho de registro dos sítios arqueológicos no município sul-catarinense de Jaguaruna, onde localizou um total de 20 sítios da Tradição Tupiguarani, Rohr (1969) escavou uma urna funerária no sítio Jaguaruna 29. Tratava-se de um conjunto de dois vasilhames, a urna com decoração plástica corrugada e a tampa, formada por um vasilhame simples com decoração pintada entre a carena e a borda. No interior da urna foram encontrados vestígios de ossos infantis (dentes e falanges), acompanhados por uma lâmina polida em diabásio, um tembetá de cristal de rocha e um pingente sobre concha.

Lavina (1999), durante os trabalhos de resgate do sítio arqueológico da ZPE, situado no município de Imbituba, litoral sul de Santa Catarina, pesquisou um total de 20 áreas de solo escuro com concentração de fragmentos cerâmicos, líticos e carvão vegetal, caracterizando áreas de habitação. Nas proximidades destas áreas, foram localizadas 7 estruturas funerárias, totalizando oito conjuntos funerários, descritas a seguir:

Estrutura funerária 1

Associada à mancha 9, foi seriamente danificada por obras de terraplanagem. Esta estrutura era formada por um sepultamento primário de um indivíduo adulto, depositado em decúbito dorsal, tendo o crânio e parte do peito coberto por um vasilhame cerâmico simples, de 44 cm de diâmetro com superfície extrema alisada e superfície interna pintada em vermelho sobre engobe branco. Os ossos que se encontravam fora do perímetro do vasilhame estavam completamente decompostos.

Como acompanhamento funerário, encontrou-se um vasilhame simples fragmentado, uma lâmina de machado totalmente polida confeccionada em diabásio e um tembetá de quartzo hialino polido.

Estrutura funerária 2

Associada à mancha 6, foi localizada durante a abertura da trincheira 1, ligando as manchas 4 e 6. Estava situada na seção 13-14

m da trincheira. O conjunto era formado por um vasilhame cerâmico com decoração plástica corrugada, tampado por um recipiente com decoração plástica corrugada, emborcado. O recipiente que servia de tampa estava partido pelo arado. Em seu interior, preenchido por areia cor cinza clara, encontrou-se um vasilhame com decoração plástica ungulada em forma de calota esférica, com três fragmentos cerâmicos em seu interior, e uma lâmina de machado polida confeccionada em diabásio. Não foram encontrados restos ósseos no interior da urna.

Estrutura funerária 3

Também associada à mancha 6, foi totalmente destruída pelas obras de instalação da ZPE. Trata-se de um vasilhame com decoração plástica corrugada, cujos fragmentos foram espalhados pela área. Apenas parte da base do vasilhame foi encontrada em contexto. Por causa da destruição do contexto arqueológico, não foi possível averiguar a presença ou ausência de acompanhamento funerário ou de vasilhame utilizado como tampa.

Estrutura funerária 4

Situada entre as manchas 5 e 14, foi localizada no setor 30-32 m da trincheira 5. Trata-se de um vasilhame cerâmico com decoração plástica ungulada, evidenciado a 20 cm de profundidade da superfície atual do solo, totalmente destruído por sitiantes, que o haviam depositado no local após sua descoberta, formando três concentrações de fragmentos. Junto a estas concentrações, foi coletada uma conta perfurada confeccionada em cerâmica.

Estrutura funerária 5

Situada nos setores J0 e J1 da mancha 5, trata-se de um conjunto formado por quatro vasilhames (2 urnas e 2 tampas), depositadas a 40 cm uns dos outros. A urna 1 era composta por um vasilhame cerâmico com decoração plástica ungulada, tampada com um vasilhame com superfície externa simples e com vestígios de pintura em vermelho sobre engobe branco na face interna, partido pelo arado. Em torno desta estrutura, foram evidenciados fragmentos cerâmicos da Tradição Tupiguarani e Taquara, estes últimos cravados verticalmente ao lado da urna. No interior desta, foi evidenciado um

vasilhame cerâmico fragmentado com decoração carimbada restrita à zona do pescoço, atribuído à Tradição Taquara. Alguns dos fragmentos deste vasilhame estavam fora da urna, o que evidencia quebra intencional. Sob este, foi encontrada ainda o talão de uma lâmina de machado polida confeccionada em diabásio. A urna não possuía a base.

A estrutura 2 era composta por um vasilhame com tratamento de superfície corrugado, coberto por um vasilhame cerâmico simples partido pelo arado. Em seu interior foram encontrados os fragmentos de um pequeno vasilhame unglado. A base da urna possuía uma perfuração feita antes da deposição.

Estrutura funerária 6

Situada eqüidistantemente às manchas 16 e 17, foi fortemente impactada por obras de terraplanagem, não sendo possível associá-la a qualquer das duas. Trata-se dos restos da base de uma urna funerária, destruída pelos trabalhos de terraplanagem. Em seu interior encontrou-se uma lâmina de diabásio polido e fragmentos bastante erodidos de ossos longos e dentes humanos, também encontrados nas proximidades da estrutura, removidos do seu contexto original.

Estrutura funerária 7

Associada à mancha 20, foi evidenciada durante a abertura da trincheira IV, que uniu as manchas 20 e 19, no setor 12-14 m da mesma trincheira. Trata-se de um conjunto formado por uma urna cerâmica simples, coberta por um vasilhame cerâmico simples com decoração zonada corrugada na borda, emborcado sobre o primeiro vasilhame como tampa, que foi fragmentado durante a abertura da trincheira.

Junto à urna, próximo à tampa, encontrou-se um pequeno vasilhame cerâmico simples, fragmentado e incompleto. No interior da urna, estava depositado um sepultamento primário infantil em decúbito dorsal e com os membros inferiores fletidos, acompanhado por dois colares de contas confeccionados sobre concha e por dois artefatos polidos em carapaça de gastrópode.

Quadro 02: comparativo entre as estruturas funerárias da ZPE:

ESTRUTURA FUNERÁRIA	VASILHAMES	ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS	SEPULTAMENTO	BASE
1	vasilhame	Vasilhame simples fragmentado incompleto, lâmina de machado, tembetá	adulto, primário	-
2	vasilhame e tampa	vasilhame unglado inteiro, lâmina de machado	?	furada
3	vasilhame ?	?	?	?
4	vasilhame ?	conta cerâmica	?	?
5a	vasilhame e tampa	vasilhame carimbado fragmentado completo, talão de machado	?	ausente
5b	vasilhame e tampa	vasilhame unglado fragmentado completo	?	furada
6	Vasilhame ?	lâmina de machado	Adulto, secundário	inteira
7	vasilhame e tampa	vasilhame s imples fragmentado incompleto, colar de contas confeccionados em concha, colar de carapaças de dentalia. 2 artefatos confeccionados em columela de gastrópode	infantil, primário	inteira

5. Interpretação das estruturas funerárias

Embora não se possa, devido ao pequeno número de estruturas funerárias encontradas, arriscar uma análise do padrão de sepultamento do sítio da ZPE ou do sítio ACH-SU3 de Foz do Chapecó, muito menos da cultura(s) Guarani, algumas práticas podem ser inferidas e comparadas entre os sepultamentos destes dois ambientes:

A primeira delas seria com relação à forma de sepultar: apenas um sepultamento foi encontrado fora da urna funerária (estrutura funerária 1 do sítio da ZPE, composta por enterramento primário diretamente depositado no solo, com o crânio e parte do tronco coberto por vasilhame emborcado). De acordo com Lavina (1999) esta forma

de sepultar pode ser uma passagem ao sepultamento secundário em urna que aconteceria subseqüentemente, mas que por algum motivo não aconteceu. A ausência deste tipo de sepultamento no oeste não implica a sua inexistência, pelo contrário, desprotegido do contato com o solo, se existia sepultamentos desta forma eles se perderam com o passar do tempo. Talvez este tipo de sepultamento fosse muito comum entre estes grupos, e que por este mesmo motivo, associado ao uso da terra para agricultura, estes dados tenham se perdido.

De acordo com Noelli (1993), existem duas formas de enterramento na cultura Guarani, que são: primários e/ou secundários, dentro ou fora da estrutura de habitação. Ribeiro também explica:

Um ritual funerário pode ser composto de dois enterramentos: um primeiro, pouco tempo após a morte, denominado enterramento simples ou primeiras exéquias, e um segundo, quando – após os ossos serem limpos, se efetua o ritual de fim de luto, com o enterramento definitivo, denominado enterramento duplo ou segundas exéquias. (RIBEIRO, 2002:03).

As pesquisas também apontaram que os Guarani usavam vasilhas para o enterramento secundário de adultos ou primários de crianças. Outros pesquisadores, como César (1972) e Klamt (2004), apresentam que as urnas funerárias poderiam ter sido usadas tanto para os sepultamentos primários como para os secundários. Acredita-se que nas urnas maiores caberiam indivíduos adultos fletidos, e que portanto, poderia se tratar de um indivíduo primário. Enquanto, nas menores poderiam ser tanto enterramentos primários de criança como secundários de adultos.

Esta questão é reforçada por Ribeiro:

O enterramento em urnas é costume característico mas não exclusivo dos Tupi Guarani, como afirma César (1972) (...) ‘Grandes urnas usadas para sepultamentos primários de adultos’ as quais seriam usadas por tribos como os Caiuá, Carijó, Chané,

Chiriguano, Cocama, Cocamilla, Guaianá, Guarani, (...). E, 'Urnas menores para enterros secundários em geral ou primários de adultos', usadas pelos Cocama, Cocamilla, Oiampi, Omaguá, (...) Wayoro, Xipaia, Guarani e 'Bugres dos Campos'. (RIBEIRO, 2002:43).

Contudo, nesta mesma cultura há também os enterramentos primários, sem a utilização da mesma. Na pesquisa realizada por Lavina et al (1999), evidenciou-se um enterramento diferente dos demais do mesmo sítio: primário sem a utilização de urna. "O sepultamento havia sido depositado diretamente sobre o solo, coberto por um vasilhame cerâmico com superfície externa simples e interna pintada em vermelho sobre engobo branco" (ibid.:68). Era um indivíduo adulto, depositado em decúbito dorsal, tendo o crânio e parte do peito coberto por um vasilhame cerâmico simples, de 44 cm de diâmetro. Os ossos que se encontravam fora do vasilhame estavam completamente decompostos.

Noelli, em 1993, descreveu que até aquele momento "a única estrutura funerária² com sepultamentos primários Guarani conhecida foi encontrado por Chmyz (1974:74) no Paraná, em um conjunto de enterramentos primários e secundários. Um dos enterramentos primários apresentava um indivíduo na '(...) posição acorçada, tendo sobre o crânio uma vasilha rasa emborcada' (Chmyz, 1974:75)" (NOELLI, 1993:102). Esta estrutura de enterramento primário se assemelha à escavada por Lavina et al (1999), a diferença esta na disposição do sepultamento, onde um encontra-se em posição de decúbito dorsal e outro acorçado. Até o presente não encontramos outras pesquisas em Santa Catarina que tivessem evidenciado sepultamentos primários associados aos Guarani para podermos estabelecer comparação.

² Entende-se por estrutura funerária "o conjunto formado pelos restos humanos dentro ou fora de vasilhas cerâmicas, acompanhadas ou não por anexos funerários". (NOELLI, 1993:101).

Lavina, com relação a este caso de enterramento, explica que o mesmo “(...) poderia ser um sepultamento abandonado antes do enterramento secundário subsequente, embora a mobília funerária compostas por vasilhame, lâmina de machado e tembetá sugira um enterramento definitivo” (LAVINA, et al, 1999:152-153).

Nos perguntando do porque deste número tão pequeno de enterramentos sem urna na cultura Guarani pré-contato, chegamos a possível suposição de estar relacionada à agricultura atual. Como os Guarani dominavam a técnica da agricultura, podemos fazer uma relação do local de fixação destes grupos com um local apropriado para o plantio. Desta forma, hoje ainda constatamos que os locais onde mais aparecem os sítios arqueológicos são aqueles em solos agricultáveis e ainda utilizados para a atual agricultura. Com frequência, os agricultores, ao lavrarem a terra, evidenciam os materiais arqueológicos dos sítios, e muitas vezes, o arado quebra o recipiente cerâmico utilizado como tampa para as urnas expondo os enterramentos. Este fato é mencionado nas pesquisas de Rohr (1969), Lavina et al (1999) e Chmyz e Piazza (1967). Desta forma, poderíamos supor que, a falta de sítios com sepultamentos primários sem a utilização de urnas, como os descritos por Lavina et al (1999) e Chmyz (apud NOELLI, 1993) poderia estar relacionado com a perda do registro arqueológico pelo arado. Quebrada, a cerâmica utilizada para por em cima dos ossos se mistura aos outros fragmentos do sítio. Desprotegidos e em contato direto com o solo, os ossos se decompõem facilmente, o que pode contribuir para a não identificação de tais estruturas.

Um segundo item verificado tanto nos sepultamentos do litoral quanto no oeste é a presença de tampa. Percebe-se que ela estava presente em todos os sepultamentos que ainda se apresentavam conservados e, na maioria dos recipientes quebrados pela niveladora/ retro escavadeira, sua existência era sugestiva.

O pesquisador José Vicente César, em um estudo sobre os enterramentos em urnas Tupi-Guarani, afirma que cinco poderiam ser os motivos que levaram os grupos Guarani a utilizarem as urnas

para enterrarem seus mortos, que são: 1) para evitar o contacto do corpo com a terra. “Por uma atitude de respeito e piedade, não se deseja ver o cadáver do ente querido esmagado pelo contacto direto da terra” (CESAR, 1972:47). O que também explicaria a função da tampa; 2) proteção contra animais vorazes; 3) desterro da alma ou espírito do defunto; 4) proteção do morto contra maus espíritos, pois dentro destes recipientes estariam protegidos para repousarem; e 5) para facilitar o renascimento em reencarnações, seja em seres humanos, em plantas ou animais.

O mesmo autor ainda chama atenção para a importância que os enterramentos deveriam ter para estes grupos pois,

(...) considerando então os íntimos laços de sangue e parentesco pelos quais se organizavam as tribos tupis-guaranis em extensos grupos coletivos de <grandes famílias>, logo se percebe a importância que haviam de dar ao sepultamento de seus falecidos tão estreitamente unidos a todos os membros da grande comunidade familiar. Para eles consistem as práticas mortuárias não só em preparar o cadáver ou preservá-lo do contacto direto da terra, mas também, e talvez muito mais, em protegê-lo contra maus espíritos, em precaver-se contra um possível retorno ao mundo dos vivos ou mesmo em facilitar-lhe a longa viagem de além-túmulo. (ibid.:27).

Pedro Inácio Schmitz, acrescenta que:

Os mortos do próprio grupo costumavam ser enterrados num cemitério próximo aldeia. A tradição mais comum era colocar o cadáver, ou os ossos descarnados, num grande vasilhame de barro, coberto por um outro menor. Segundo os Guaranis, a alma acompanhava o corpo, mas separada, podendo ficar no espaço deixado entre o cadáver e a tampa. (SCHMITZ, 1997:300).

Um terceiro item a se considerar são os acompanhamentos

funerários. Com exceção do sepultamento 3 da ZPE, o sepultamento 2 do conjunto 1 e o sepultamento 5 do conjunto 2 de Foz do Chapecó (todos estes parcialmente destruídos por terraplanagem), os demais apresentaram algum tipo de acompanhamento, como vasilhames cerâmicos, lâminas ou fragmentos de machados polidos em diabásio, conta de cerâmica, conjuntos de artefatos em concha e tembetá. Infelizmente não foi possível para este artigo tecer comparações entre sexo e idade do indivíduo e tipo de acompanhamento, pois os ossos ainda não passaram por processo de curadoria e análise. A presença de acompanhamentos também foi descrita em outros sepultamentos escavados no território de Santa Catarina, demonstrado ser uma prática recorrente nesta cultura, talvez relacionada a sua cosmologia.

Além da aparente uniformidade entre as formas de sepultar, a presença de tampa e de acompanhamento funerário, os enterramentos do planalto e do litoral ainda possuem mais dois aspectos em comum: o estado de conservação dos ossos e a posição das urnas em relação à habitação. Em ambos verifica-se um ruim estado de conservação dos ossos, que se dá, principalmente, pela ação de fatores tafonomicos, como o crescimento de raízes, a quebra dos recipientes e a umidade.

Relacionando a localização das urnas e as habitações, percebe-se que em ambos sítios os sepultamentos se deram, invariavelmente, na área externa das casas, ou seja, nos limites do sítio. A área central da aldeia ou as casas, nestes dois casos, não serviram como local para sepultar, a não ser que se tenha perdido o registro arqueológico pelas razões acima expostas.

Desta forma, observa-se que os sepultamentos de duas áreas diferentes são aparentemente iguais no litoral e no oeste, tanto em termos de localização em relação ao sítio, como na presença de mobília funerária, a tafonomia grande responsável pela pouca preservação dos ossos.

Referencias

CESAR, J. V. 1972. Enterros, em urnas, dos Tupi-Guarani. In: SCHADEN, Egon (Org.). **Homem, cultura e sociedade no Brasil**. Seleções da Revista de Antropologia. P.26-51. Petrópolis: Vozes.

CHMYZ, I. & PIAZZA, W. 1967. A bacia do Uruguai e o seu povoamento pré-histórico. **Dédalo**. Revista de Arte e Arqueologia. Ano III, nº 6. P. 33-48. São Paulo: Museu de Arte e Arqueologia.

KLAMT, S. C. 2004. **Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor de tradição ceramista Tupiguarani**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NOELLI, F. S. 1993. **Sem tekhoa não há tekó**: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí, Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História Ibero-Americana). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.

PIAZZA, W. 1965. O sítio arqueológico do Rio Tavares (Santa Catarina). **Separata da Revista Dédalo**. N.2. São Paulo.

_____. 1969. Notícia arqueológica do Vale do Uruguai. **Separata do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 2**. Publicações Avulsas, nº 10. P. 55-67. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.

_____. 1969. A área arqueológica dos “Campos de Lages”. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 3**. Resultados Preliminares do terceiro ano 1967-1968. Publicações Avulsas, nº 13. P. 63-74. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.

_____. 1971. Dados complementares à arqueologia do vale do Uruguai, Santa Catarina. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 4**. Resultados Preliminares do quarto ano 1968-1969. Publicações Avulsas, nº 15. P. 71-86. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.

_____. 1974. Dados à arqueologia do litoral norte e do planalto de Canoinhas. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 5**. Resultados Preliminares do quinto ano 1969-1970. Publicações Avulsas, nº 26. P. 53-66. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.

RIBEIRO, L. B. 2002. **Limpendo ossos e expulsando mortos**: estudo comparativo de rituais funerários em culturas indígenas brasileiras através de uma revisão bibliográfica. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ROHR S.J, J. A. 1966. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga. **Pesquisas**. Antropologia, nº15. P.21-60. UNISINOS: São Leopoldo.

_____. 1969. Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. **Pesquisas**. Antropologia, nº22. UNISINOS: São Leopoldo.

_____. 1984. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**. P. 77-167. Florianópolis.

SCHMITZ, P. I. 1997. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupi-Guarani. In: KERN, Arno A.(org). **Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul**. 2.ed. P. 295-330. Porto Alegre: Mercado Aberto.

_____. 1999. O Guarani: História e Pré-História. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. P.283-291. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

_____. 2003. Arqueologia no Brasil. **Habitus**. Revista do Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia da Universidade Católica de Goiás. V.1, nº2. P. 261-274. Goiânia: Ed. da UCG.

SILVA, S. B. da. 1990. O sítio arqueológico da praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani. **Revista do CEPA**. Vol 17, nº20. P. 219-234. Anais da V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Santa Cruz do Sul.